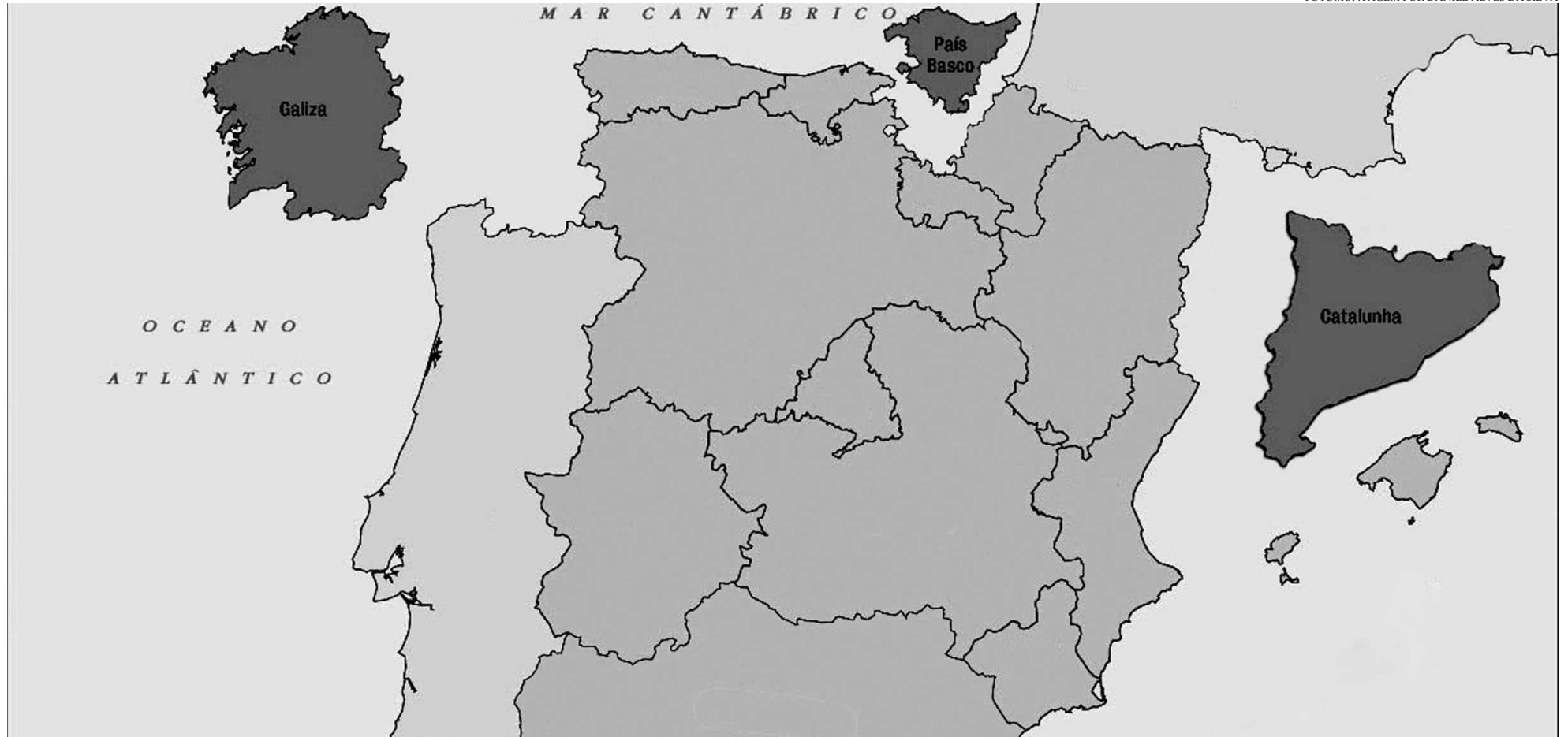


Crise fomenta separatismo em Espanha

FOTOMONTAGEM POR DANIEL ALVES DA SILVA



Galiza, País Basco e Catalunha são comunidades autónomas em que crescem os movimentos independentistas.

Os movimentos independentistas estão mais fortes com a crise espanhola. 1,5 milhões de catalães pró-independentistas enquanto o governo apela a união

Luís Azevedo
António Cardoso
Pedro Martins

“Se cada reivindicação da Catalunha for acompanhada de 16 reivindicações iguais, assistiremos ao fim de Espanha, pois o país não é a soma de 17 nações.”, afirma o professor de Ciência Política da Universidade Pompeu Fabra (Barcelona), Vicenç Navarro, ao Courrier International. Espanha é um Estado formado por autonomias que assenta em 17 comunidades previstas na Constituição de 1978, sendo cada uma delas dotada

de parlamento e governo próprio, embora o nível de autonomia das diferentes regiões não seja uniforme.

Os autores da constituição de 1978 pretendiam articular a soberania das diferentes nações que constituem o estado espanhol, moderando os sentimentos nacionalistas na Galiza, Catalunha e País Basco, onde estavam mais arreigados.

1,5 milhões de catalães, de acordo com a Guarda Urbana de Barcelona, percorreram as ruas da cidade manifestando-se pela independência da região. Embora o movimento da Catalunha exista há quase dois séculos, a sua presença tornou-se mais notória após a manifestação do dia 11 de setembro. Relativamente ao impacto deste protesto, o presidente do governo autónomo da Catalunha, Artur Mas, citado no New York Times, assegura que “a Catalunha nunca esteve tão perto da plenitude nacional”.

A intensificação da crise económica espanhola e a manifestação do dia 11 de setembro em Barcelona

imprimiram um maior sentimento independentista, não só na região da Catalunha, mas igualmente no País Basco e na Galiza. O peso da crise económica “é evidente mas o objetivo continua a ser a soberania cultural e soberania política”, reitera o líder do partido nacionalista galego ANOVA, Xosé Manuel Beiras.

Agitação social gera independentismos

“Os desejos de independência são exacerbados numa situação de convulsão social”, assevera o dirigente, refletindo-se nos resultados das eleições regionais de 21 de outubro, no País Basco e na Galiza. Os partidos independentistas viram assim aumentado o seu número de votos, enquanto que, “em números absolutos, o Partido Popular (PP) e o Partido Socialista (PSOE) têm tido uma descida brutal”, atesta investigadora de origem espanhola do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES), Sílvia Maeso. No entanto, e apesar disso, nas eleições galegas, o PP conse-

guiu a maioria em termos percentuais.

O ímpeto independentista está cada vez mais vincado e “os contornos políticos nos quais se tem construído a ideia de um povo com qualidade para se construir como nação, não tem grande diferença entre as regiões independentistas”, afirma a investigadora CES. Com efeito, o recente reafirmar das ações nacionalistas independentistas encontra bases de sustentação simétricas no seu caráter “soberanista, no sentido que proclama que o povo, a nação, deve ter soberania nacional”, assevera o líder do ANOVA.

A estas várias formas de idealizar as concepções nacionalistas das autonomias reivindicadoras de soberania, acrescentam-se-lhes também as questões económicas. A inviabilidade económica de territórios mais pequenos é falaciosa para o economista Manuel Beiras, que assegura que “a ideia de que os países pequenos não conseguem manter-se está errada”, e ainda acrescenta o “controlo dos próprios recursos” e

a utilização das “vantagens comparativas” como mais-valias para economias de dimensão mais reduzida.

Neste período de contraponto entre separatismo e centralismo em Espanha, Mariano Rajoy afirmou, citado pela agência espanhola EFE, que no contexto atual não aceitaria “de maneira nenhuma” o separatismo espanhol. Com igual sentido o Rei Juan Carlos publicou no ‘site’ da Casa Real que Espanha tem que “superar as dificuldades atuais, agindo juntos e caminhando juntos”. Com a conflitualidade inerente ao separatismo, e intensificada pelo atual momento de crise económica, o futuro de Espanha, das suas autonomias e dos seus respetivos estatutos junto da União Europeia (UE) é incerto. “O impasse político” é a expressão usada por Sílvia Maeso para fazer o retrato da relação entre o separatismo espanhol e a UE, pois sem o consenso do governo Espanhol acerca da independência, a “UE nunca irá apoiar o separatismo pois nunca se irá distanciar da posição do estado espanhol”.